

Dossiê Temático

Santo Inácio de Loyola e as suas conversões

GIANFRANCO FERRARO¹
ANDREAS GONÇALVES LIND²
COORDENAÇÃO DE

**Saint Ignatius of Loyola
and his conversions**

¹ Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta; Universidade da Beira Interior, Portugal.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4449-6127>.

² Pontificia Universitas Gregoriana; Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1915-5155>.

Apre- sen- tação

Presentation

GIANFRANCO FERRARO¹
ANDREAS GONÇALVES LIND²

Na vida de Inácio de Loyola, a conversão não foi um acontecimento único: tratou-se, antes, de um processo composto por várias fases – desde a derrota em Pamplona até se tornar Prepósito-Geral da Companhia de Jesus em Roma. Foi um longo processo de maturação desde a longa convalescença em Loyola, quando, privado das leituras de cavalaria que tanto apreciava, descobriu nas vidas de santos e de Cristo que ia lendo um novo horizonte espiritual. Seguiu-se uma segunda fase, mar-

¹ Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta; Universidade da Beira Interior, Portugal.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4449-6127>.

² Pontificia Universitas Gregoriana; Centro de Estudos Globais, Universidade Aberta.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1915-5155>.

cada pelo desejo de imitar os santos até viver uma profunda crise interior em Manresa, onde, entre escrúpulos e experiências místicas, foi amadurecendo ou purificando a procura em realizar a vontade que Deus havia sonhado para si. Por fim, a sua conversão consolidou-se ao perceber que a fé deveria traduzir-se em ação concreta, levando-o a estudar, a reunir companheiros e, eventualmente, a fundar a Companhia de Jesus, até ser capaz de encontrar Deus em todas as coisas. A conversão de Inácio constitui, portanto, o momento de viragem da existência de uma das grandes figuras religiosas da modernidade e também o momento inaugural de uma das grandes aventuras espirituais de todos os tempos: a Companhia de Jesus. Herdando aquelas que foram as figuras de conversão de outras épocas históricas, Inácio entrega à modernidade, e antes de mais, obviamente, aos irmãos jesuítas, uma maneira de ler e praticar a forma como se muda de vida.

Iniciador da prática moderna dos *Exercícios Espirituais*, Inácio de Loyola começou o seu caminho a partir de um fracasso: enquanto soldado na batalha de Pamplona, ficou gravemente ferido numa perna, em 1521. Desse modo, viu-se incapacitado para realizar os sonhos que habitavam a sua imaginação. Mas foi a partir dessa ferida que se abriu o caminho para a sua conversão religiosa e para uma imaginação mais larga e diferente. Inácio começou assim uma longa peregrinação — na verdade, um longo itinerário de conversão

— desde a sua convalescença em Loiola até chegar a Roma, de onde governou a Companhia de Jesus enquanto seu Superior-Geral. Isto depois de ter passado por inúmeros lugares, tais como o convento beneditino de Montserrat, onde esteve em 1522 e onde, simbolicamente, deixou a sua antiga vida para abraçar uma existência inteiramente nova.

Foi, portanto, progressiva a transformação do soldado Iñigo López em Fundador da Companhia de Jesus, qual Inácio de Loyola, cuja herança ainda hoje perdura. O que implicava, em 1522, converter-se a uma outra forma de vida? Embora isolado, os gestos de conversão são precedidos e seguidos por muitas outras transformações. É isso que o exemplo de Inácio nos mostra. Quais e quantas são, portanto, as suas conversões? Sabemos, pela própria Autobiografia inaciana (II, 18), como o evento da conversão atravessou uma prática de penitência ascética que, só depois de muita maturação, se concretizará na *Contemplação para alcançar amor* dos Exercícios Espirituais (EE 231-237). A mudança de nome, o despojamento dos bens, as práticas ascéticas, a experiência de se sentir acompanhado, amado e acolhido por um Deus que trabalha na fragilidade humana são *tópoi* da conversão que recorrem frequentemente nas diversas histórias de vida religiosa. Com efeito, podemos encontrar esses *topoi* noutros tipos de conversão, que reenviam aos grandes arquétipos gregos da *epistrophê*, da *metanoia*, da *metastrophê*, da *periagogê*, da *epiphania*, e

do *shûb* hebraico, que, de forma diferente, influenciaram a noção latina de *conversio*.

O nosso dossiê resulta de uma jornada de estudos realizada no Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta, em dezembro de 2022, dedicada a repensar a conversão de Inácio de Loyola numa perspetiva interdisciplinar. O objetivo foi ir além da sua relevância histórica e explorar o fenómeno da conversão como chave para compreender dimensões mais amplas da espiritualidade humana. Para compreender os múltiplos aspetos da conversão inaciana, fomos explorando a conversão de Inácio, a partir de uma abordagem multidisciplinar da espiritualidade, investigando os exemplos e os arquétipos que a influenciaram. É neste contexto que procurámos investigar o seu significado, no seu prisma antropológico, psicológico e teológico, questionando a atualidade de uma transformação da existência que, talvez, ainda diga hoje respeito a todas as pessoas humanas. **Andreas Lind**, no seu ensaio *A conversão em tempos de tensões identitárias*, argumenta que a experiência de Inácio permanece altamente pertinente num mundo secularizado. A conversão inaciana, segundo o autor, assenta em três pilares contemporaneamente relevantes: aceitar a fragilidade humana, evitar radicalismos ideológicos e cultivar a gratidão que abre à comunhão com todas as criaturas. Assim, a reatualização da experiência de Loyola oferece um modelo religioso capaz de dialogar com o presente e com o magistério do Papa Francisco. **Ângela**

Azevedo, no seu ensaio *A Conversão de Inácio numa Perspetiva Psicológica*, examina como certos traços de personalidade de Inácio favoreceram o seu processo de transformação interior. A autora recorre a modelos psicossociais para interpretar a conversão como um processo motivacional e autorregulatório, procurando identificar fatores psicológicos que explicam a mudança espiritual vivida por Loyola. **Gianfranco Ferraro**, em *Converter-se, ou seja, despir-se de si próprio: a recriação inaciana de um modelo antigo*, explora a conversão de Inácio a partir de uma perspetiva morfológica, situando-a numa história de longa duração das formas de conversão. Mostra como a *Autobiografia* se inscreve numa tradição antiga, re-interpretada por Loyola, e como esta leitura se articula com as reflexões de Pierre Hadot e Michel Foucault sobre práticas espirituais. **Paulo Romualdo Hernandez**, em *A obra Autobiografia de Inácio de Loyola e os modos de proceder da Companhia de Jesus*, coloca a conversão inaciana no seu contexto histórico, marcado pelas profundas mudanças religiosas do século XVI. O autor defende que o texto foi concebido como um legado exemplar para os primeiros jesuítas, mostrando o percurso de Loyola de pecador a santo. A *Autobiografia* revela, neste sentido, os modos de proceder da nova ordem religiosa e a intenção pedagógica do seu fundador. **Alex Vilas Boas**, em *A conversão como lógica de conhecimento existencial: Diálogo entre filosofia e ontologia inaciana em Karl Rahner*, propõe um diálogo entre a es-

piritualidade inaciana e a teologia de Karl Rahner. Em particular, o autor mostra como Rahner interpreta a conversão enquanto metamorfose cognitiva e afetiva que envolve toda a subjetividade — razão, vontade e sensibilidade. A conversão torna-se, assim, uma chave hermenêutica para pensar a unidade entre emoção, razão e ação, e um fundamento da reflexão filosófico-teológica contemporânea. Por fim, **José Eduardo Franco e Paula Carreira**, em *A utopia jesuíta da conversão do homem todo e de todo o mundo: Os casos paradigmáticos de Vieira e de Antunes*, apresentam

a espiritualidade inaciana como um ideal de conversão integral do ser humano, articulado com uma visão transformadora da sociedade. A conversão é entendida como processo contínuo que visa a transfiguração do mundo. O artigo detém-se em duas figuras portuguesas — António Vieira e Manuel Antunes — que encarnaram este ideal em épocas e contextos distintos, traduzindo-o em ação cultural, política e espiritual. O dossiê conclui-se com um «**Epílogo**» de **Pierre Antoine Fabre**, um dos especialistas internacionalmente mais reconhecidos na história dos jesuítas.